

DANÇAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS

Entende-se por Danças Folclóricas as expressões populares desenvolvidas em conjunto ou individualmente, frequentemente sem sazonalidade obrigatória. Tudo indica que é na coreografia que reside seu elemento definidor.

Existe grande número delas no Brasil. Para a organização do inventário que se segue, foi necessária uma seleção, aqui definida pelos critérios de abrangência nacional e por algumas particularidades, regionais e/ou locais.

Região Norte

- **Camaleão** (AM) - é dança de pares soltos que desenvolvem coreografia constituída por sete diferentes passos, chamados jornadas. Organizados em duas fileiras, homens e mulheres executam passos laterais de deslize, vênias entre os pares, palmas na mão do parceiro, troca de lugares, sapateados rítmicos, requebrados, palmeados das mulheres e dos homens entre si, terminando com o passo inicial. O conjunto musical é formado por viola, cavaquinho, rabeca e violão. Nessa dança usa-se indumentárias específica inspirada “no tempo do império”: os homens trajam fraque de abas, colete, culotes, meias brancas longas, sapato preto afivelado, gravata pomposa; as mulheres trajam saias longas rodadas, blusas soltas, meias brancas, sapatos afivelados.
- **Carimbó** (PA) - dança de roda formada por homens e mulheres, com solista no centro que baila com requebros, trejeitos, passos miúdos arrastados e ligeiros. O apogeu da apresentação é quando a dançarina, usando amplas saias, consegue cobrir algum dançador, volteando amplamente a veste. Este gesto provoca hilaridade entre todos. Caso jogue a saia e não cubra o parceiro, é imediatamente substituída. O nome da dança deriva de um dos instrumentos acompanhantes, um tambor de origem africana.
- **Ciranda** (AM) - é uma rapsódia composta de várias partes, acompanhada da música “Ciranda, Cirandinha”. Dança-se em círculo, moças e rapazes vestidos à moda antiga. No final é exibido o episódio do carão (pernalta jaburu) que é morto pelo caçador. O carão e o caçador aparecem fantasiados.
- **Dança do Maçarico** (AM) - apresenta música saltitante com coro alegre e animado. Os dançarinos, organizados aos pares, desenvolvem uma coreografia constituída por cinco diferentes movimentos: “Charola”, “Roca-roca”, “Repini-co”, “Maçaricado” e “Geléia de Mocotó”. Os pares, ora enlaçados ora soltos, dão passos corridos para frente e para trás, de deslize laterais, volteios rápidos, rodopios ligeiros, culminando com uma umbigada. A música é executada em sanfona ou acordeão, viola, violão, rabeca, tambores pequenos pifanos.
- **Dança do Sol** - inicialmente se chamou Quaraci Poracê, dançada entre os índios do Município de Carvoeiro, em 1931, e divulgada posteriormente com o nome de “Tipiti” ou

“Dança do Pau de Fita”. Possui os seguintes passos: Caracol; Tipiti de um; Tipiti de dois, Tipiti de três; Tipiti de quatro; Trança; Rede; Chochê (desafio).

- **Desfiteira** (AM, PA) - dança de pares enlaçados que circulam livremente pelo salão. A única obrigatoriedade é passar, cada par por sua vez, diante do conjunto musical que executa partituras alegres e vivas de: valsas, polcas, sambas rurais, chulas amazonenses, mazurcas, xotes etc. Repentinamente, os músicos cessam de tocar e os pares também estacam, onde estiverem. Aquele que coincidir estar na frente da banda passará por uma prova: o músico-chefe escolhe a dama ou o cavalheiro para declamar versos. Quem não conseguir é vaiado por todos e, por esta desfeita, paga uma prenda, ficando assim desfeitoado.
- **Gambá** (toda a região) - dança de terreiro, o Gambá é constituído de brincantes, um “marcador”, um grupo de quatro cantores, uma mulher solista e seu parceiro. Os demais formam uma roda ou duas fileiras que envolvem o par solista e batem palmas no ritmo executado no “Gambá”, isto é, um tambor feito de tronco de árvore com cerca de um metro de comprimento. A dança se inicia com uma mulher que acena um lenço grande colorido, requebra e mexe o corpo voluptuosamente de modo a provocar o entusiasmo dos demais. Depois de alguns momentos atira-o aos pés de algum dançador do grupo. Este recolhe o lenço e sai em perseguição da dama, que simula fugir das investidas do cavalheiro. O cavalheiro então simula desinteresse e a dama passa a provocá-lo com movimentos lascivos, sempre com auxílio do lenço. A dança termina com a aceitação do cavalheiro que, com a dama, improvisa movimentos sensuais.
- **Serafina** (AM) - é executada por homens e mulheres que se organizam em duas fileiras, por sexo. Nesta posição desenvolvem movimentos chamados “Batição”, que têm denominações próprias: “Puçá”, “Mala”, “Lance alto”; organizam-se depois em círculo e executam outros movimentos: “Arrodeio alto”, “Arrodeio baixo”, “Cacuri” e “Tapagem”, retornam às fileiras e dançam ainda o “Arrastão” e a “Repartição”. Quando nas fileiras, os dois primeiros pares formam grupos de quatro dançadores e desempenham as batições entre si. Os participantes carregam alguns implementos que referenciam o aspecto simbólico desta dança: remo de tamanho natural, arpões, lenços grandes atados à volta do pescoço, fitas coloridas presas à cintura, chapéus de palha. Os remos e arpões são colocados no chão e não têm nenhuma utilidade prática; as fitas e os lenços são usados no “Lance alto” e no “Lance baixo” quando a dupla de pares cruza as fitas, e no “Arrodeio alto” e “Arrodeio baixo”, figurações marcadas pelo cruzamento dos lenços de cada dupla de pares. A música é caracteristicamente rural: cavaquinho, reco-reco, violão, tambor gambá, caracaxás e maroca. Este último é um tambor pequeno, recoberto com couro de cobra sobre o qual colocam-se duas linhas paralelas cheias de contas que vibram juntamente com o couro.

Região Nordeste

- **Cavalo Piencó** (PI) - originária do município de Amarante, cavalheiros e damas, formando pares, compõem um círculo e dançam imitando o trote de um cavalo manco. O

andamento musical varia entre apressado e moderado e a coreografia às marcações determinadas pela letra: trote apressado, trote requebrado, batidas de pés, galope saltitante etc. A letra pode ainda ser improvisada, o que influi na coreografia dos dançadores.

- **Ciranda** (PB, PE) - dança desenvolvida por homens, mulheres e crianças. Os dançarinos formam uma grande roda e dão passos para dentro e para fora do círculo, provocando ainda um deslocamento do mesmo no sentido anti-horário. A música é executada por um grupo denominado “terno”, colocado no centro da roda, tocando instrumentos de percussão - bumbo, tarol, caixa, ganzá - e de sopro - pistons e trombone. As canções, tiradas pelo mestre-cirandeiro e respondidas pelo coro dos demais, têm temáticas que refletem a experiência de vida.
- **Coco** (toda a região) - difundido por todo o Nordeste, o Coco é dança de roda ou de fileiras mistas, de conjunto, de par ou de solo individual. Há uma linha melódica cantada em solo pelo “tirador” ou “conquista”, com refrão respondido pelos dançadores. Um vigoroso sapateado denominado “tropel” ou “tropé” produz um ritmo que se ajusta àquele executado nos instrumentos musicais. O Coco apresenta variadas modalidades, conforme o texto poético, a coreografia, o local e o instrumento de música. Os “Coco solto”, “Quadras”, “Embola-da”, “Coco de entrega”, “Coco de dez pés” são referidos pela métrica literária; os “Coco de ganzá”, “Coco de zambê”, pela música; os “Coco de praias”, “Coco de usina”, “Coco de sertão”, pelos locais; os “Coco de roda”, “Coco de parselhas ligadas”, “Coco solto”, “Coco de fila”, “De parselhas trocadas”, “De tropel repartido”, “Cavalo manco”, “Travessão”, “Sete e meio”, “Coco de visitas”, pela coreografia. A umbigada é presente em muitas variantes.
No Rio Grande do Norte o Coco é chamado “Zambelô”, “Coco de zambê” e “Bamdelô”. Possui um instrumental mais complexo, constituído por atabaques, pequenos tambores, ganzá e afoxé ou maracá.
- **Dança de S. Gonçalo** (Al, BA, MA, PI, SE) - dança religiosa, organizada em pagamento de promessa devida a São Gonçalo. O promesseiro é quem organiza a função, administrando todo o processo necessário à realização deste ritual. Em Sergipe essa dança é executada somente por homens. A única mulher presente não tem papel ativo. Este grupo é constituído por: “Patrão”, “Mari-posa”, “Tocadores”, “Dançadores”. Patrão e dançadores usam trajes especiais. O primeiro veste-se de marinheiro, por influência do mito; os demais usam indumentária que revela influência árabe: anáguas e longas saias floridas, blusa de renda branca cavada, xale colorido em diagonal no peito, turbante envolvido em fitas multicores, colares e pulseiras. A coreografia consta de uma série fixa de evoluções que se repete a cada jornada.
- **Dança do Lelê** (MA) - também conhecido pelos nomes de Péla ou Péla-porco, o Lelê é dançado em pares dispostos em filas lideradas pelos “cabeceiras” ou “mandantes”, “de cima” e “de baixo”. Esta dança compreende quatro partes distintas: “Chorado”, “Dança Grande”, “Talavera” e “Cajueiro”. Os instrumentos musicais são a rabeça, o pifano, castanholas artesanais, violão, cavaquinho e pandeiro. Os cantos, improvisados, são inspirados em acontecimentos do cotidiano. O Lelê é dança de salão sem dia nem mês

específicos, embora possa ser organizada como dança votiva ou fazer parte da Festa do Divino e de outros santos populares.

- **Espondão** (RN, PB) - o nome deriva da meia-lança usada pelos sargentos de infantaria no século XVIII. É realizada por grupo de homens negros, cada um deles trazendo uma pequena lança com a qual desenvolvem uma coreografia que simula guerra. O chefe, denominado “Capitão da lança”, é o que leva a lança grande. percorrem as ruas ao som de tambores marciais; nas casas que visitam dançam agitando a lança e os espondões, realizando saltos de ataque, recuos de defesa, acenos guerreiros, numa improvisação que revela grande destreza nos movimentos. Não há cânticos mas acompanhamento rítmico produzido nos tambores marciais.
- **Frevo** (PE) - embora esteja praticamente em todo Nordeste, é em Pernambuco que o Frevo adquire expressão mais significativa. Dança individual que não distingue sexo, faixa etária, nível sócio-econômico, o frevo frequenta ruas e salões no carnaval pernambucano, arrastando multidões num delírio contagiante. As composições musicais são a alma da coreografia variada, complexa, acrobática. Dependendo da estruturação musical, os frevos podem ser canção, de bloco ou de rua. A coreografia recebe denominações específicas: “Chã-debarriguinha”, “Saca-rolha”, “Parafuso”, “Tesoura”, “Dobradiça”, “Pontilhado”, “Pernada”, “Carossel”, “Coice-de-burro”, “Abanando o fogareiro”, “Caindo nas molas” etc.
- **Maculelê** (BA) - bailado guerreiro desenvolvido por homens, dançadores e cantadores, todos comandados por um mestre, denominado “macota”. Os participantes usam um bastão de madeira com cerca de 60 centímetros de comprimento. Os bastões são batidos uns nos outros, em ritmo firme e compassado. Essas pancadas presidem toda a dança, funcionando como marcadoras do pulso musical. A banda que anima o grupo é composta por atabaques, pandeiros, às vezes violas de doze cordas. As cantigas são puxadas pelo “macota” e respondidas pelo coro.
- **Pagode de Amarante** (PI) - de origem africana, o Pagode de Amarante é desenvolvido com os dançadores formando duas fileiras de pares que se cruzam sem obedecer a marcações coreográficas estabelecidas. Cada par improvisa movimentos com rodopios, sapateado e ginga. A música é executada por dois cantadores e ritmada no “gafanhoto”: consta de um pedaço de pau oco medindo cerca de quinze centímetros de comprimento, batido com um pedaço de madeira, tocado por todos os homens que dançam.
- **Tambor de Crioula** (MA, PI) - dança das mais recorrentes no Maranhão, é caracterizada pela presença da umbigada, que recebe o nome de “punga”. Desenvolvida com os dançadores em formação circular, a coreografia é executada de forma individual e consta de sapateios e requebros voluptuosos, com todo o corpo, terminando com a “punga”, batida no abdômen de outro participante da roda. Os cantos são repetitivos, à semelhança de estribilho. O ritmo é executado em três tambores feitos de tronco, escavados a fogo. O tambor grande é chamado Socador; o médio, Crivador ou Meão; o pequeno, Pererenga ou Pirerê.

- **Torém** (CE) - dança de terreiro com participantes de ambos os sexos que se colocam em formação circular, com o dançador solista ao centro. Tocando o Aguaim - espécie de maracá - o solista executa movimentos de recuo e avanço, requebros, sapateios, saltos, além daqueles imitativos de serpente e lagarto, reveladores de destreza e plasticidade. Os demais participantes marcam o compasso musical com batidas de pés enquanto vão girando a roda no sentido anti-horário. A música, à capela, é cantada pelo solista e repetida pelo coro de dançadores. O “mocororó” - suco de caju fermentado - é distribuído fartamente durante todo o tempo da dança.

Região Sudeste

- **Batuque** (SP, MG, ES) - dança de terreiro com dançadores de ambos os sexos, organizados em duas fileiras - uma de homens e outra de mulheres. A coreografia apresenta passos com nomes específicos: “visagens” ou “mica-gens”, “peão parado” ou “corrupio”, “garranchê”, “vênia”, “leva-e-traz” ou “cã-cã”. São executados com os pares soltos que, saindo das fileiras, circulam livremente pelo terreiro. O elemento essencial em toda a coreografia é a umbi-gada, chamada “batida”: os dançadores dão passos laterais arrastados, depois levantam os braços e, batendo palmas acima da cabeça, inclinam o tronco para trás e dão vigorosa batida com os ventres. Os instrumentos musicais são todos de percussão: Tambu, Quinjengue, Matraca e Guaiá ou chocalho.
- **Cana-verde** (toda a região) - também chamada Caninha-verde, esta dança apresenta variantes no que se refere à cantoria, à coreografia, à poética e à música. No Rio de Janeiro, é uma das “miudezas” da Ciranda e uma dança com bastões. Algumas recebem nomes variados; como Cana-verde de passagem (MG e SP), Cana-verde simples (SP). A disposição dos dançadores varia entre círculo sem solista, fileiras opostas, rodas concêntricas; os movimentos podem ser deslize dos pés, sapateios leves ou pesados, balanceios, gingados, troca de pares. O movimento tido como característico é a “meia-volta”, desenvolvida num círculo que se arma e se desfaz com os dançadores deslizando, ora para dentro ora para fora, ora em desencontro, ora em retorno à posição inicial.
- **Catira ou Cateretê** (MG, SP) - é executada exclusivamente por homens, organizados em duas fileiras opostas. Na extremidade de uma delas fica o violeiro que tem à sua frente o seu “segunda”, isto é, outro violeiro ou cantador que o acompanha na cantoria. O início é dado pelo violeiro que toca o “ras-queado”, para os dançadores fazerem a “escova”- bate-pé, bate-mão, pulos. Prossegue com os cantadores iniciando uma moda de viola. Os músicos inter-rompem a cantoria e repetem o rasqueado. Os dançadores reproduzem o bate-pé, o bate-mão e os pulos. Vão alternando a moda e as batidas de pé e mão. Acabada a moda, os catireiros fazem uma roda e giram batendo os pés alternados com as mãos: é a figuração da “serra acima”; fazem meia-volta e repe-tem o sapateiro e as palmas para o “serra abaixo”, terminando com os dançadores nos seus lugares iniciais. O Catira encerra com Recortado: as fileiras trocam de lugar, fazem meio-volta e retornam ao ponto inicial. Neste momento todos cantam o “levante”, que varia de grupo para grupo. No encerramento do Recortado os catireiros repetem as batidas de pés, mãos e pulos.

- **Caxambu** (MG, RJ) - dança de terreiro executada por homens e mulheres postos em roda sem preocupação de formar pares. No centro, fica o solista, “puxando” os cantos e improvisando movimentos constituídos de saltos, volteios, passos miúdos, balanceios. Os instrumentos acompanhantes são dois tambores, feitos de tronco de árvore, cavalos a fogo e recobertos com couro de boi. São denominados Tambu ou Caxambu e Candongueiro. Às vezes aparece uma grande cuíca, feita de tonel de vinho ou cachaça. É chamada Angoma-puíta. As músicas, denominadas “pontos”, são tiradas pelo dançador-solista e respondidas pelo coro dos participantes. O canto inicia com pedidos de licença aos velhos caxambuzeiros desaparecidos e depois se mesclam de simbolismo e enigmas intrincados. Atualmente observa-se um sincretismo com a Umbanda, perceptível na indumentária e nos adereços usados pelos participantes.
- **Ciranda** (RJ) - No Rio de Janeiro o termo ciranda pode significar tanto uma dança específica quanto uma série de danças de salão, que obedecem a um esquema: Abertura, Miudezas e Encerramento. Enquanto dança, faz parte das miudezas da Ciranda, baile. A Ciranda-baile, também denominada Chiba, tem na Chiba-cateretê a que faz a abertura da série; as Miudezas são um conjunto de variadas danças com nomes e coreografias diversos; Cana-verde de mão, Cana-verde valsada, Caranguejo, Arara, Flor-do-mar, Canoa, Limão, Chapéu, Choradinha, Mariquita, Ciranda, Namorador, Zombador. O Encerramento é feito com a Tonta, também chamada Barra-do-dia. As músicas são na forma solo-coro, tiradas pelo mestre em quadras tradicionais e circunstanciais, respondidas pelas vozes dos dançadores. O acompanhamento musical é feito por viola, violão, cavaquinho e adufes. Na Chiba-cateretê o conjunto musical é composto ainda do Mancado: um caixote percutido com tamancos de madeira.
- **Dança de S. Gonçalo** (MG, SP) - para sua execução os dançadores se organizam em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, organizados dian-te de um altar do santo. Cada fileira é encabeçada por dois violeiros - mestre e contramestre - que dirigem todo o rito. A dança é dividida em partes chama-das “volta”, cujo número varia entre 5, 7, 9 e 21. As “voltas” são desenvolvidas com os violeiros cantando, a duas vozes, loas a São Gonçalo, enquanto os dançadores, sapateando na fileira em ritmo sincopado, dirigem-se em dupla até o altar, beijam o santo, fazem genuflexão e saem sem dar as costas para o altar, ocupando os últimos lugares de suas fileiras. Cada volta pode demorar de 40 minutos a 2 ou 3 horas, dependendo do número de dançadores. Na última “volta”- em São Paulo chamada “Cajuru”- forma-se uma roda onde o promesseiro dança carregando imagem do santo, retirada do altar. Em Minas Gerais, no Vale do São Francisco, a dança é desenvolvida por dez ou doze pares de moças, todas vestidas de branco. Cada uma delas leva um grande arco de arame recoberto de papel de seda branco franjado, com quais fazem figurações coreográficas.
- **Dança do Tamanduá** (ES) - organizada em roda de homens e mulheres, um solista ao centro vai executando movimentos determinados pela letra da cantoria: pondo a mão na cabeça ou na cintura, batendo com o pé no chão, pulando para lá e para cá, mexendo com as cadeiras etc. As músicas são na forma solo-coro, o que permite improvisação nas ordens musicais cantadas pelo puxador.

- **Fandango** (SP) - neste Estado há duas modalidades de Fandango: o do interior e o do litoral. O primeiro revela influências do tropeiro paulista. Dançam somente homens, em número par. Vestem-se com roupas comuns, chapéus, lenço ao pescoço, botas com chilenas de duas rosetas, sem os dentes. Estas chilenas, batidas no chão, funcionam como instrumento de percussão no acompanhamento das “marcas”, como Quebra-chifre. Pega na bota, Vira Corpo, Pula sela, Mandadinho, dentre outras. A música é a moda de viola comum. O palmeado e o castanholar de dedos estão presentes no início e entre as “marcas”. O Fandango do litoral compreende uma série de danças de pares mistos, tais como: Dão-dão, Dão-dãozinho, Graciana, Tiraninha, Rica senhora, Pica-pau, Morro-seco, Chimarrita, Querumana, Enfiado, Manjerição, etc. Cada “marca” apresenta coreografia própria, assim como são também particulares a linha melódica e o texto poético.
- **Jongo** (MG, SP) - dança de negros organizados em roda mista, alternando-se homens e mulheres. No centro um solista, um jongueiro, que canta sua canção, o “ponto”. Os demais respondem em coro, fazendo movimentos laterais e batendo palmas, nos lugares. O solista improvisa passos movimentando todo o corpo. O instrumental é composto por dois tambores - um grande, o Tambu, e um menor, o Candongueiro; uma Puita - cuica, artesanal; um chocalho - o Guaiá, feito de folha-se-flandres. As melodias são construídas com o uso de poucos sons. A dificuldade reside no texto literário dos “pontos”, pois são todos enigmáticos, metafóricos. Quando o solista quer desafiar alguém, canta o “ponto da demanda”; este deverá decifrá-lo, cantando a resposta: diz-se então que “desatou o ponto”. Se não for decifrado, diz-se que “ficou amarrado”. Neste caso, o jongueiro “amarrado” pode passar por várias situações humilhantes e vexatórias, como cair no chão e não conseguir se levantar, não conseguir andar, etc.
- **Mineiro-pau** (MG, RJ) - dança executada por homens, adultos e crianças, cada um levando um ou dois bastões de madeira. Desenvolvida em círculo ou em fileiras que se defrontam, os dançarinos, voltados de frente para o seu par, realizam uma coreografia totalmente marcada pelas batidas dos bastões no chão. Sempre em compasso quaternário, o tempo forte musical é marcado com batida dos bastões no chão. A variedade na forma de bater os restantes três tempos é que dá nomes específicos às partes: “Batida de três”, “Batida de quatro”, “Batida cruzada”, “Batida no alto”, “Batida embaixo” etc. Muitos grupos têm como parte integrante o Boi Pintadinho (RJ) ou o Boi-lé (MG), com seus principais personagens: a Mulinha, o Jaguará, o Boi, os Cabeções.
- **Quadrilha** (todos os Estados) - própria dos festejos juninos, a Quadrilha nasceu como dança aristocrática, oriunda dos salões franceses, depois difundida por toda a Europa. No Brasil foi introduzida como dança de salão que, por sua vez, apropriada e adaptada pelo gosto popular. Para sua ocorrência é importante a presença de um mestre “marcante” ou “marcador”, pois é quem determina as figurações diversas que os dançadores desenvolvem. Observa-se a constância das seguintes marcações: “Tour”, “En avant”, “Chez des dames”, “Chez des Chevaliê”, “Cestinha de flor”, “Balancê”, “Caminho da roça”, “Olha a chuva”, “Garranchê”, “Passeio”, “Coroa de flores”, “Coroa de espinhos” etc. No Rio de Janeiro, em contexto urbano, apresenta transformações: surgem novas figurações, o francês aporuguesado inexistente, o uso de gravações substitui a música ao

vivo, além do aspecto de competição, que sustenta os festivais de quadrilha, promovidos por órgãos de turismo.

Região Centro-Oeste

- **Caninha-verde** (toda a região) - consta de uma roda de homens e mulheres que cantam e dançam permutando de lugares e formando pares. Os textos cantados são tradicionais e circunstanciais, acompanhados por viola, violão e pandeiro.
- **Catira** (GO) - semelhante à existente no sudeste, esta dança é executada por homens que sapateiam, rodopiam e palmeiam um ritmo sincopado, intercalando com moda de viola, executada por dois violeiros.
- **Siriri** (MT) - dança de pares soltos que se organizam em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres. No meio delas ficam os músicos. O início é dado com os homens cantando o “baixão”, acompanhados das palmas dos demais participantes. A seguir um cantor “joga” uma quadra que é repetida por todos. Neste momento um cavalheiro sai de sua fileira e se dirige à dama que lhe fica à frente, fazendo-lhe reverência e voltando ao lugar inicial. A dama o acompanha até o meio do caminho, quando então se dirige a outro cavalheiro retorna também ao seu lugar inicial. Este cavalheiro repetirá a movimentação do primeiro, e a dança assim prossegue até que todos os participantes tenham feito este solo. Os passos não têm marcação rígida, isto é são individualizados. O acompanhamento musical pode ser apenas rítmico, executado em tambor e reco-reco; às vezes também apresenta instrumentos melódicos, como a sanfona e a viola de cocho.
- **Tambor** (GO) - executada com um solista no centro de um círculo formado pelos dançadores. O ritmo é marcado por tambores e o canto é coletivo. A coreografia, desenvolvida pelo solista, distingue partes que recebem denominações específicas: “Jiquitaia”, “Serrador”, “Negro-velho”. A troca de solistas no centro da roda se processa através da umbigada.
- **Vilão** (GO) - dança de conjunto cujos participantes se subdividem pela função: Batedores, Balizadores, Músicos, Regente e Chefe do grupo. Organizados em semicírculo, os Batedores, trazendo longos bastões de madeira, dão bati-das nos bastões do parceiro, ao ritmo da marcação do apito do Regente e da execução musical da banda. Há uma série de movimentos que compreendem giros de corpo, volteios dos bastões, troca de lugares, encerrando com uma sequência de sete outros gestos rapidíssimos, chamados “Cerradinhos”, que constam de batidas realizadas com os batedores agachados.

Região Sul

- **Balainha** (PR, SC) - conhecida também com o nome de **Arcos Floridos** ou **Jardineira**, a balainha é desenvolvida com os pares de dançantes, cada um deles, sustentando um arco florido. No início, os pares em fileiras fazem movimento ondulante passando, ora por cima

ora por baixo dos arcos dos demais pares; formam depois grupos de quatro pares que, em círculo, inter cruzam seus arcos no alto, armando assim as “Balainhas”. Ao final desmancham as “balainhas” e retornam à posição inicial, com movimentos sincronizados e sequenciais.

- **Fandango** (PR, RS) - o termo Fandango designa uma série de danças populares - chamadas “marcas”. No Paraná, os dançadores, executam as variadas coreografias: Anu, Andorinha, Chimarrita, Tonta, Cana-verde, Caranguejo, Vilão de Lenço, Xarazinho, Xará Grande, Sabiá, Marinheiro, etc. O acompanhamento musical é feito com duas violas, uma rabeça e um pandeiro rústico, chamado adufo. As coreografias das “marcas” paranaenses constam de rodas abertas ou fechadas, uma grande roda ou pequenas rodas fileiras opostas, pares soltos e unidos. Os passos podem ser valsados, arrastados, volteados, etc., entremeados de palmas e castanholar de dedos. O sapateado vigoroso é feito somente pelos homens, enquanto as mulheres arrastam os pés e dão volteios soltos. No Rio Grande do Sul, o Fandango apresenta um conjunto de vinte e uma danças, com nomes próprios: Rancheiro, Pericom, Maçarico, Pezinho, Balaio, Tirana-do-lenço, Quero-mana, Tatu, etc. O acompanhamento musical é feito pelo acordeão, chamado “gaita”, e pelo violão. A coreografia recebe nomes também distintos - “Passo de juntar”, “Passo de marcha”, “Passo de recurso”, “Passo de valsa”, “Passo de rancheira”, “Sapateio”, etc.
- **Pau-de-Fitas** (toda a região) - para seu desenvolvimento prepara-se um mastro com cerca de três metros de comprimento, encimado por um conjunto de largas fitas multicores, de maior tamanho. Os dançadores, em número par, seguram na extremidade de cada fita e, ao som das músicas, giram em torno do mastro, revezando os pares de modo a compor trançados no próprio mastro, com variados desenhos. No Rio Grande do Sul os trançamentos recebem os nomes: “Trama”, “Trança”, “Rede de Pescador”. Em Santa Catarina há o “Tramadinho”, “Trenzinho”, “Zigue-Zague”, “Zigue-Zague a dois”, “Feiticeira” e “Rede de Pescador”.
- **Vilão** (SC) - desenvolvida por um grupo com 31 componentes, denominados batedores, balizadores, músicos e Mestre, a dança consta de batidas de longos bastões, com variados movimentos e ritmos. O encerramento é feito com o “serradinho”: são 7 movimentos rapidíssimos, executados com os balizadores agachados

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1976, 4ª ed.
- DANTAS, Beatriz Góes. *A Dança de São Gonçalo* - Cadernos de Folclore nº 9. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1976.
- FERRETTI, Sérgio F. (Coord.). *A Dança de Lelé*. São Luis: Fund. Cultural do Maranhão, 1977.
- FRADE, Cásia. *Folclore Brasileiro - Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1979.
- _____. (Coord.). *Cantos do Folclore Fluminense*. Rio de Janeiro: Presença Ed., 1986.
- LACERDA, Regina. *Folclore Brasileiro - Goiás*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1977.

- MARTINS, Saul. *Folclore Brasileiro - Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1982.
- MELLO, Veríssimo de. *Folclore Brasileiro - Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1977.
- MENDES, Noé. *Folclore Brasileiro - Piauí*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1977.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Livronal*. Manaus: Jorge Tufic Ed., sem data.
- NEVES, Guilherme Santos. *Folclore Brasileiro - Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1978.
- ROCHA, José Maria Tenório. *Folclore Brasileiro - Alagoas*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1977.
- RODERJAN, Rosely V. R. *Folclore Brasileiro - Paraná*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1981.
- SERRAINE, Florival. *Folclore Brasileiro - Ceará*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1978.
- SOARES, Doralécio. *Folclore Brasileiro - Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1979.
- VALENTE, Valdemar. *Folclore Brasileiro - Pernambuco*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1979.
- VIANNA, Hildegardes. *Folclore Brasileiro - Bahia*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1981.
- VIEIRA FILHO, Domingos. *Folclore Brasileiro - Maranhão*. Rio de Janeiro: Funarte/MEC, 1977.

FOLGUEADOS POPULARES

Também denominados Autos ou Danças Dramáticas, os Folguedos são grupos folclóricos que apresentam personagens com hierarquia, uso de indumentárias específicas, são cíclicos e frequentemente representam um enredo.

No Brasil, há grande número e variedade deles, em todas as regiões. Como o espaço deste tablóide impõe limites, serão aqui relacionados os mais recorrentes no território nacional e alguns específicos da cada região.

Região Norte

• **Boi-bumbá** - (am, pa) - O enredo se refere ao boi que pertence ao Amo e, sob pretexto fútil, é morto por Pai Francisco. O Amo chama o doutor para ressuscitar o boi, que não consegue, apela para o padre que também não logra fazê-lo. É chamado o pajé, que ressuscita o boi, havendo então uma festa onde o boi é "repartido" entre as pessoas presentes. Apresenta-se no ciclo natalino.

• **pássaro** - (am, pa) - Resume-se na morte e ressurreição de uma coisa estimada, pode ser um pássaro (embalsamado), uma flor ou jóia. O pássaro pertence a uma princesa e uma feiticeira insinua ao caçador matá-lo. A princesa tenta ressuscitar a ave através da medicina. Obtém êxito com a interferência de um pajé. Exibe-se nas festas juninas.

• **tribo dos andirás** - (AM) - O auto se destaca pelas personagens históricas e pelos comparsas. O enredo gira em torno do caçador e o seu secretário que se perdem na selva, por manigância do Mappinguari. Encontrados e levados para a Maloca, a Índia Branca se apaixona por ele, impedindo-o de ser comido pelos índios e casam-se. A Tribo dos Andirás é toda cantada e dialogada em nhengatu amazônico (tupi regional).

Região Nordeste

- **afoxé** - (BA) - Cortejo que sai no carnaval e apresenta aspectos místicos e mágicos, fundamentados em preceitos religiosos ligados ao culto dos orixás.

- **Bumba-meu-boi** - (todo o nordeste). Com variações nominais e diferentes posições no calendário (bumba-meu-boi AL, BA, PB, PE, SE), boi-de-reis (PB) boi calumba (RN), boi surubi (CE), no ciclo natalino; bumba-meu-boi (MA) no ciclo junino), o auto representa a morte e a ressurreição do boi, com posterior partilha. Os personagens humanos, "animais" e fantásticos são em grande número e variam conforme a localidade. No MA, os grupos recebem denominações segundo instrumentos municipais acompanhantes: "Boi de matraca" e "Boi de orquestra".

- **Cavallhada** - (AL, SE, PE). Corrida de cavaleiros organizados em duas fileiras, identificadas pelas cores azul e encarnado. Realizam várias "manobras", como a das argolinhas, a das canas, a do abraço, etc. Exibem-se em festas de orago.

- **Chegança** - (todo o nordeste). Apresentando nomes variados (Fandango (AL, RN), Nau Catarinta ou Barca (Pb), totaliza a viagem de navio, com marinheiros e oficiais da marinha. Cantando e dançando em barcos especialmente construídos, alguns desses autos reproduzem a luta de mouros e cristãos. Apresentam-se no ciclo natalino.

- **Caboclinhos** - (AL, BA, PE, RN). Grupo que se apresenta no carnaval. Exibe personagens usando indumentárias feitas com penas. A coreografia imitando dança indígena é alternada com falas chamadas "manobras". Os tempos musicais são marcados com fortes batidas da flecha no arco.

- **Congos** - (AL, PB, PE, RN). Auto de inspiração africana, tem como elementos de formação a coroação dos reis do Congo, os préstitos e embaixadas, e reminiscências das lutas da Rainha Ginga, de Angola, contra os portugueses. Apresenta personagens reais, embaixada, Ministro, General, Conguinhas, etc. Apresentam-se nas festas de Nossa Senhora do Rosário, S. Benedito e Divino Espírito Santo.

- **Guerreiro** - (AL). Auto genuinamente alagoano, segundo Téo Brandão, é um misto de Reisado e Caboclinhos. Os principais figurantes são Rei, Rainha, índio Peri e seus vassallos, Mestre, Contramestre, Embaixadores, General Mateus, Palhaços. Na indumentária multicolor há que se destacar os enormes chapéus imitando catedrais, coroas e mitras, confeccionados com bolas de Aljofar, espelhos e inúmeras fitas. O período de apresentação é o natalino.

- **Lapinha ou Bailes pastoris** (PB, RN) - Auto do ciclo do Natal, constituídos principalmente de loas e danças diante do presépio ou lapinha. Os cordões percorrem as ruas, de 24 de dezembro a 6 de janeiro, e, onde há presépio, pedem licença para entrar e dançar, aí representando pequenos autos. São constituídos por jovens, predominantemente do sexo feminino.

- **Maracatu** - (PE,CE). Cortejo derivado das festividades da coroação do Rei Congo. Perdida a unção religiosa, deslocou-se para o carnaval. Seus personagens principais são Rei, Rainha,

Príncipe, Princesa, Vassalos, Índios, Dama-do-paço. O ritmo contagiante é executado em variados tambores e agogôs.

•**Pastoril** - (todo o nordeste). Auto natalino, também conhecido pelas denominações de drama pastoral, pastoral. Distinguem-se dos bailes pastoris por ser um auto completo, com danças e loas, partes denominadas "jornadas". As pastorinhas exibem-se em tablados ou teatrinhos próprios e frequentemente em seu enredo cantam-se jornadas alheias ao espírito votivo. No Nordeste, Alagoas e Pernambuco, rivalizavam-se os cordões azul e encarnado. Por vezes são interpretados por adultos e até meretrizes como no Recife.

•**Reisado** (todo o nordeste). Do ciclo natalino, apresenta-se com partes dançadas, declamadas e cantadas. Na parte final representam o Bumba-meu-boi com a morte e ressurreição do "animal".

•**Taieira** (AL, SE). Associada ao reinado do Congo é um grupo de caráter hierático, que se exhibe na festa de S. Benedito. Os personagens são Rei, Ministro, Capacete, Patrão, Rainha Perpétua, Lacreia, Guia e as Taieiras. De sentido originalmente católico, hoje se encontra mesclada com elementos das crenças afro-brasileiras.

•**Terno-de-reis** (BA, PI). Apresentando-se no ciclo natalino, é composto por figuras do bumba-meu-boi e por mascarados. A música é executada em violas, rabecas, banjos, violões, sanfona, pandeiros, chocalhos. No Piauí, nos intervalos da apresentação, os "Caretas" (mascarados) dançam o "chicote", cantando modinhas com voz cavernosa e contando anedotas picantes.

Região Sudeste

•**Boizinho** - (toda região). Recebendo denominações variadas (Boi Pintadinho, Boi Janeiro, Boi Sapiroca, Bon de Jacá, etc, etc), em certas localidades o grupo apresenta-se no carnaval, em outras no ciclo natalino. Personagens principais são, além do Boi, a Mulinha, o Jaraguá, Cabeções ou Gigantões (bonecos com 3 m de altura), Gavião, além do Toureiro.

•**Caiapó** - (SP) - Usando roupas de palha e com o rosto pintado de azul, os integrantes dançam guiados pelo cacique e o curumim. O enredo gira em torno do roubo do curumin, sua morte por inimigos brancos e sua ressurreição por ação do pajé. Os instrumentos musicais são exclusivamente de percussão.

•**Cavallhada** - (MG, RS, SP). No Rio de Janeiro é encontrada em forma de torneio, com os cavaleiros organizados nas cores azul e vermelho. Os cavalos são enfeitados nas cores de seus cavaleiros. Há várias partes, denominadas manobras; chegada, visita à igreja, forca, argolinhas, pão, baião, buquê de flores, encontroada, despedida. Apresenta-se em festas de orago. Em MG e SP dramatizam a luta entre mouros e cristãos, com queima do castelo, roubo de princesa, submissão e batismo dos mouros, terminando com o torneio das argolinhas e das cabeças. Apresentam-se nas festas do Espírito Santo.

•**Congada** - (MG, SP). A semelhança dos Congos nordestinos, liga-se à coroação do rei congo e à rememoração de lutas políticas angolanas. Organizaram-se a partir das irmandades do Rosário, criadas e mantidas pelos negros à época da escravidão. São grupos votivos, associados às festas de Nossa Senhora do Rosário e S. Benedito. Parte central do auto é a Embaixada, duelo verbal de clamado. Anuncia-se com um bailado, segue-se o recado do Embaixador, dança e cena de luta do enviado com os guerreiros do monarca visitado. Essas embaixadas seriam procedentes da diplomacia africana, segundo Câmara Cascudo.

•**Folia-de-reis** - (toda a região). Organizados em pagamento de promessa, esses grupos, do ciclo natalino, visitam casas de devotos onde cantam passagens bíblicas. Os personagens são Mestre, Contramestre, Bandeireiro, Músicos e Cantores. Compondo o grupo aparecem os Palhaços, que não cantam, mas declamam versos jocosos, memorizados e/ou improvisados. No Rio de Janeiro os Palhaços costumam recitar poemas de folhetos de cordel, de autoria própria ou não.

•**Moçambique** - (SP, MG). Grupo votivo em homenagem a S. Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Os personagens representam Reis, Capitão, General, Meirinho, Dançadores. Percutem Guizos ("paiás"), presos nos tornozelos, nos momentos da dança. Os demais instrumentos musicais são todos de percussão. Em São Paulo, os dançadores trazem bastões e com eles desenvolvem ricas figurações coreográficas.

•**Pastorinhas** - (MH, RJ). Apresentando-se no ciclo natalino, esse auto é constituído por jovens e crianças do sexo feminino que cantam e dançam diante do presépio armado em casa de devotos. Há variados personagens: Mestre, Contramestre, Anjo, Estrela, Borboleta, Malmequer, Cigana, Padeiro, Peixeiro, Baiana, Pastoras. Os papéis de Pastores e Velho são reservados aos meninos.

•**Ticumbi** - (ES). Variantes dos festejos em torno do rei Congo compõe-se do rei Congo, do rei Bamba e seus Secretários e os Guerreiros ("Congos") das duas nações. Estes usam longas batas brancas e rendadas com transpasse de fitas coloridas; na cabeça um vistoso chapéu enfeitado de flores e fitas multicoloridas. Os Secretários usam capas e espada, assim como os reis. Presentes nas festas de S. Benedito, a representação é uma simulação de guerra, que termina com a dança do Ticumbi, que dá nome à manifestação.

Região Centro-Oeste

•**Cavallhada** - (toda a região). Com a temática de mouros e cristãos, por lutas de Carlos Magno e dos doze pares de França, este auto está associado às festas do Divino Espírito Santo. Em Goiás destaca-se o grupo da cidade de Pirinópolis, não só pelo requinte das vestes dos cavaleiros e de seus cavalos, quanto à duração do rito: durante três dias há encenações seqüenciais, terminando com os jogos de Florão, Luxúria, Quatro Fios de Lenço, Despedida.

•**Folia-de-reis** - (toda a região). Grupo que se apresenta no ciclo natalino, rememora a viagem dos três reis do oriente a Belém. Visitam casas de amigos e devotos onde cantam passagens religiosas. Autodenominados foliões, os componentes se organizam numa

hierarquia composta pelo Mestra, Contramestre, Bandeireiro, Músicos e Cantores. Há ainda os Palhaços, mascarados que representam a parte profana deste ritual religioso.

•**Pastoril** - (GO). Também conhecido com o nome de Pastorinhas, surge no ciclo natalino, apresentando-se em palco armado nas praças. Os cordões azul e encarnado organizam as participantes, predominantemente do sexo feminino. A Borboleta, a Peixeira, o Malmequer, a Mademoiselle, a Baiana, Pastorinhas distribuem-se pelos cordões, encabeçados pelo Mestre (encarnado) e pelo Contramestre (azul). Os meninos representam velhos e pastores.

Região Sul

•**Bumba-meu-boi** - (toda a região). Com estruturas e denominações variadas, apresenta-se no carnaval. O Boizinho (RS) tem o enredo de morte e ressurreição do animal. Os componentes do grupo são o Doutor, o Boiadeiro, um Cavalo verdadeiro e os músicos. O Boi-de-mamão (PR, SC) enfoca o mesmo enredo, com número maior de integrantes: Cavaleiro, Urubu, Urso, Anão, Maricota, Vaqueiro, Mateus, Médico, Benzedeira, além da Bernúncia e seu marido, o Barão, figuras exclusivas desse grupo.

•**Cacumbi** - (SC). Organizado em torno da devoção a Nossa Senhora do Rosário e S. Benedito, este grupo deriva das festas de coroação do rei Congo. Com os participantes vestidos como marinheiros, representam luta guerreira entre as nações do rei congo e do rei Bamba. O capitão é o chamador da cantoria, da embaixada e das numerosas danças. Quando há aquiescência do pároco, o início da apresentação dá-se no interior das igrejas dos santos devocionais.

•**Cavalhada** - (PR, RS). Torneio agreste rememorando as lutas de Carlos Magno e dos doze pares de França. O rito apresenta várias partes: reconhecimento do campo, embaixadas, prisão do embaixador cristão, fuga do embaixador com roubo da princesa moura, combates, incêndio do castelo mouro, batizado dos mouros. Seguem-se os jogos de argolinhas, das cabeças, alcancilho de flores e outros. Apresentam-se em festas de oragos.

•**Congada** - (PR). Conhecidos pela designação genérica de Congos, os participantes se organizam em dois grupos distintos: Rei do Congo, com sua fidalgueira, e Rainha Ginga, com sua fidalguia e seu exército. A dramatização apresenta 12 cenas: desfile inicial, fala do trono, dança dos fidalgos, chegada da embaixada da Rainha Ginga, entrada do embaixador, declaração de guerra, guerra com prisão do embaixador da Rainha, prisioneiros levados à corte do Congo, perdão real, entrega do embaixador, despedida do embaixador da Rainha, confraternização e louvor a S. Benedito.

•**Folia-de-Reis** - (PR). Composto unicamente por homens, este grupo se apresenta no ciclo natalino, louvando o nascimento do Menino-Deus. Apresentam-se no interior das casas de devotos entoando quadras, acompanhadas por viola, violão sanfona, rabeca, vários tambores, triângulo e chocalho. Após a cantoria, os donos da casa oferecem dinheiro, comidas e bebidas. O encerramento do ciclo (6/1) costuma ser no interior de uma igreja onde haja presépio.

•**Moçambique** - (RS). Organizado em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, o grupo é constituído pelo Rei Congo, Rainha Ginga, pajens, alferes da bandeira, capitães-de-espada, guia de dançantes, dançantes e músicos. Cada dançante usa, abaixo dos joelhos, um par de maçaquaias e guizos. No local da festa, arma-se tronos sob pátio vermelho, destinados aos reis. Iniciam apresentação na igreja, onde cantam e as coroas são abençoadas. Dançam na rua e na praça; na frente do trono desenvolvem variada coreografia, sendo a do "lenço" a mais apreciada. Durante a noite há baile, com a presença dos Reis. Encerram, ao amanhecer do dia seguinte, com a "alvorada" dança ao redor do mastro da Santa, que é então baixado.

•**Terno-de-reis** (RS). Expressivo nas regiões de colonização açoriana, este auto consiste em grupos de cantores e instrumentistas masculinos que percorrem cidades, vilas e fazendas, anunciando o nascimento de Jesus, durante o ciclo natalino. Destacam-se no grupo os três Reis Magos, o Mestre da cantoria, o Contramestre e o "Tipi" (voz em falsete). É costume, ao se depararem na estrada, um grupo dar voz de prisão ao outro, em versos. O que está "preso" não poderá mais cantar naquela noite ou fica obrigado a cantar sob o comando do mestre vencedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvarenga, Oneyda - *Música Popular Brasileira*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1960.

Andrade, Mário - *Danças Dramáticas Brasileiras*. São Paulo, Martins Ed., 1962 - 3 vols.

Araujo, Alceu M. - *Folclore Nacional*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1964, 3 vols.

_____. *Cultura Popular Brasileira*. São Paulo, mec/inl, 1973.

Benjamin, Roberto - *Congos da Paraíba*. Série Cadernos de Folclore nº 18, Rio, Funarte, 1977.

Brandão, Theo - *Autos e Folguedos Populares de Alagoas*. Maceió, Ed. do Autor, 1963.

_____. *Folguedos Natalinos*. Maceió, Ed. do Autor, 1974.

Carneiro, Edison - *Folguedos Tradicionais*. Rio, Ed. de Conquista, 1979.

Cascudo, Luis da C.- *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio, INL, 1979.

Dantas, Beatriz G. - *Taiera*. Série Cadernos de Folclore nº 4. Rio, Funarte, 1976.

_____. *Chegança*. Série Cadernos de Folclore nº 14. Rio, Funarte, 1976.

Fernandes, José L. - *Congadas Paranaenses*. Série Cadernos de Folclore nº 19, Rio, Funarte, 1977.

- Frade, Cáscia - (Coord.) - *Guia do Folclore Fluminense*. Rio, Presença Ed., 1986.
- Guerra Peixe, Cesar - *Maracatus do Recife*. São Paulo, Irmãos Vitale, 1980.
- Laytano, Dante. *Folclore do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1984.
- Lima, Rossini T. - *Folguedos Populares do Brasil*. São Paulo, Ed. Ricordi, s/data.
- Martins, Saul - *Folclore em Minas Gerais*. Belo Horizonte, UFNG, 1991.
- Neves, Guilherme S. - *Ticumbi*. Série Cadernos de Folclore nº 12, Rio, Funarte, 1976.
- Pimentel, Altimar - *Barca da Paraíba*. Série Cadernos de Folclore nº 25, Rio, Funarte, 1978.
- Soares, Doralécio - *Boi-de-mamão catarinense*. Série Cadernos de Folclore nº 27, Rio, Funarte, 1978.